

Museu Florestal

Octávio Vecchi



**90 anos dedicados ao conhecimento
e à preservação da natureza**

Sumário

Editorial: O Museu Florestal faz aniversário	3
O Museu Florestal Octávio Vecchi: meio ambiente e desenvolvimento em São Paulo.....	7
O MUSEU FLORESTAL E A PESQUISA ACADÊMICA	12
ENTREVISTA	13
Como é trabalhar no Museu Florestal?	13
Qual a importância do Museu Florestal para a história de São Paulo?	13
Quais as atividades que o Museu Florestal realiza?.....	16
Qual a importância do Museu Florestal, hoje, quando a crise ambiental se torna global?	18
O Museu tem a vocação de trabalhar a divulgação científica e educação ambiental para público bastante diverso. Vocês também desenvolvem atividades voltadas a uma audiência mais especializada, com estudantes universitários, pesquisadores e acadêmicos?	19
Quais os projetos do Museu Florestal para o futuro?	21
ÁLBUM DE FAMÍLIA	22
UMA HISTÓRIA QUE SE ENTRELAÇA À DO MUSEU FLORESTAL: A FESTA DAS ÁRVORES	24
AQUARELAS DE NORFINI	27
A SAGA DO CURUPIRA.....	32
O Museu Florestal como símbolo da vanguarda paulista nas questões ambientais	35
O LIVRO “AS ÁRVORES NATIVAS DE SÃO PAULO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA FLORA ARBÓREA DO ESTADO DE SÃO PAULO	37
OS ENTALHES BOTÂNICOS DO ACERVO DO MUSEU FLORESTAL.....	43
Oficina de entalhe do Serviço Florestal	44

Editorial: O Museu Florestal faz aniversário

Por Paulo Andreetto de Muzio

O Museu Florestal “Octávio Vecchi” comemora 90 anos. Mas sua data de nascimento talvez não seja uma coisa tão simples de precisar.

Em 1896, o naturalista sueco Alberto Löfgren, ainda como membro da Comissão Geográfica Geológica da Província de São Paulo, conseguiu a desapropriação do antigo Engenho Pedra Branca para a criação de um horto botânico com campos para experimentação e serviço florestal na Cantareira, dando origem ao Parque Estadual que hoje leva seu nome. Naquele mesmo ano, em texto publicado na Revista Agrícola, defendeu *"a criação de um museo florestal compreendendo herbario, amostras de madeiras e todos os seus productos em todas as suas aplicações e colleções dos inimigos dos vegetaes com os casos pathologicos, e finalmente, não descurados os estudos das relações das mattas com o clima e com a hydrographia dos logares onde se acham"*. O Serviço Florestal foi criado em 1911, tendo como sede o Parque criado por Löfgren. Em 1927, o engenheiro agrônomo português Octávio Vecchi assumiu a diretoria da instituição e o Museu Florestal foi criado por lei. A construção do prédio teve início em 1928 e em 1931 o espaço foi inaugurado. A cerimônia de abertura seria realizada no dia 21 de setembro, entrada da primavera, quando também se celebra a abertura da Festa das Árvores, mas choveu muito naquele dia e o evento foi postergado para o dia 30. Depois de um longo período de gestação, consideramos esta última data para comemorar o aniversário do Museu.

Para celebrar as nove décadas de trajetória deste museu ambiental que conjuga ciência, arte e história, trouxemos alguns textos que representam diferentes olhares sobre o aniversariante.

O texto que abre o informativo narra um pouco da história da conservação do Meio ambiente em São Paulo e sua relação com o desenvolvimento do estado no século XIX, que culminou na criação de instituições de ensino e ciências, entre elas o Serviço Florestal, já no século seguinte, quando foi criado o Museu Florestal. Em seguida, é abordada a importância das parcerias acadêmicas do Museu Florestal para seu fortalecimento enquanto espaço de pesquisa e aprimoramento dos processos museológicos. Na entrevista, a responsável pelo Museu Florestal fala da relevância do Museu Florestal para a história paulista e para as questões ambientais, além de contar sobre as iniciativas acadêmicas e de divulgação científica realizadas no espaço e os projetos para o futuro do Museu. Também contamos a recente parceria com o neto de Octávio Vecchi que resultou na doação de álbuns e fotografias pessoais de seu avô para o acervo e na elaboração de um novo logotipo para o Museu. Não deixamos de fora a história da origem da Festa das Árvores no Brasil, que aconteceu pela primeira vez em 1902 e foi retomada pelo coletivo Amigos do Museu

Florestal nos últimos anos. Obras de arte como as aquarelas do artista Alfredo Norfini, que compõem o acervo do Museu, também têm seu espaço neste informativo, assim como histórias lúdicas como a do Curupira, figura folclórica associada à proteção florestal e que tem uma relação com o Parque Estadual Alberto Löfgren e o Museu Florestal. Abordamos também um pouco de legislação histórica para abordar o pioneirismo das propostas paulistas para a elaboração de um Código Florestal, que precederam o primeiro código florestal brasileiro, de 1934, e que incluíam a criação de um museu florestal. Falamos ainda o livro *Les Bois Indigènes de São Paulo: Contribution à l'Étude de la Flore Forestière de l'État de S. Paulo* (As árvores nativas - ou a madeira nativa - de São Paulo: contribuição ao estudo da flora florestal do Estado de São Paulo), obra ilustrada de Vecchi em parceria com Edmundo Navarro de Andrade, que traz a catalogação de 223 árvores nativas de São Paulo. Ao final, contamos a história de uma das partes mais belas do acervo do Museu Florestal: os entalhes botânicos.

Este informativo é resultado de parceria do Instituto de Pesquisas Ambientais da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado de São Paulo, por meio do Núcleo de Museus, Acervos Arquivísticos e Iconográficos, do Núcleo de Divulgação Científica e do Núcleo de Publicações Científicas, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - Câmpus de Guarulhos, representada pelo Departamento de História da Arte e pelo Departamento de História e dos Amigos do Museu Florestal. Escrito a muitas mãos, professores universitários, alunos de graduação, servidores, pesquisadores em diferentes estágios da vida acadêmica, este informativo é apenas um pequeno recorte da espessa história deste Museu e da ampla gama de possibilidades que ele oferece para fins de pesquisa científica e educação em diversos campos do conhecimento.

Muito em breve o Museu Florestal entrará em uma nova fase de sua história. Sua gestão passará a integrar um programa de concessões de áreas e equipamentos públicos para a iniciativa privada. Esperamos que este informativo possa ajudar a ressaltar a relevância do espaço, sua história e acervo, garantindo sua preservação e democratização.

Boa Leitura.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

João Dória

SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE

Marcos Penido

SUBSECRETARIA DE MEIO AMBIENTE

Eduardo Trani

INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS

Marcelo Sodré

Departamento de Gestão do Conhecimento

Luiz Mauro Barbosa

Centro de Difusão e Divulgação Científica

Márcia Regina Angelo

Núcleo de Museus, Acervos Arquivísticos e Iconográficos

Daniela Midori Kaneshiro

Núcleo de Divulgação Científica

Marcia Vieira Silva

Ficha técnica

Coordenação

Janes Jorge - Departamento de História - Unifesp/Guarulhos

Letícia Coelho Squeff - Departamento de História da Arte - Unifesp/Guarulhos

Natália Ferreira de Almeida - Núcleo de Museus, Acervos Arquivísticos e Iconográficos - IPA

Paulo Andreetto de Muzio - Núcleo de Divulgação Científica - IPA

Autores

Bianca Letícia de Almeida - Mestranda em História na Unifesp/Guarulhos

Emílio Alves Augusto - Graduado em História pela Unifesp/Guarulhos e ex-estagiário do Museu Florestal

Felipe Augusto Zanusso Souza - Doutor em Meio Ambiente e Sociedade pela Unicamp

Janes Jorge - Departamento de História - Unifesp/Guarulhos

Letícia Coelho Squeff - Departamento de História da Arte - Unifesp/Guarulhos

Lívia Souza Alves - Graduada em História da Arte pela Unifesp/Guarulhos

Manoela Rufinoni - Departamento de História da Arte - Unifesp/Guarulhos

Natália Ferreira de Almeida - Núcleo de Museus, Acervos Arquivísticos e Iconográficos - IPA

Paulo Andreetto de Muzio - Núcleo de Divulgação Científica - IPA

Imagem da capa: Fachada do Museu Florestal, 1929 - Aquarela de Alfredo Norfini (Florença, Itália, 1867- Rio de Janeiro, 1944).

BOX INFORMATIVO

Para conhecer o Museu:

Atendimento ao público segunda a sexta-feira: 9h às 16h (intervalo das 12h às 13h).

Em dias chuvosos, por motivos de conservação, a visitação é interrompida.

Finais de semana, pontos facultativos e feriados: consultar programação.

Visitas monitoradas e informações: (11) 2231-8555 ramal 2053

E-mail: museuflorestal@sp.gov.br

Endereço: Parque Estadual Alberto Löfgren

Rua do Horto, 931 - Horto Florestal 02377-000 - São Paulo - SP - Brasil

Entrada gratuita

O Museu Florestal Octávio Vecchi: meio ambiente e desenvolvimento em São Paulo

Por Janes Jorge e Natália Ferreira de Almeida

O Museu Florestal foi inaugurado em 1931, sob a direção de Octávio Vecchi (1878-1932), uma iniciativa do Serviço Florestal de São Paulo, que foi sucedido pelo Instituto Florestal e, atualmente, integrado ao Instituto de Pesquisas Ambientais da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Governo do Estado. Na época a população do estado era de, aproximadamente, 5.900.000 habitantes e crescia rápido. A capital tinha cerca de 890 mil pessoas. A sociedade e a economia estavam mais complexas com o avanço da urbanização, da industrialização e com uma maior diversidade agrícola. O território paulista era conhecido, e, em boa parte, povoado, um processo secular e tenso. Havia ainda grandes florestas preservadas, mas que já enfrentavam o avanço das frentes de ocupação. A devastação das matas assustava quem se preocupava com o futuro, pois era intensa e desprezava os conhecimentos científicos e a exploração racional dos recursos naturais.

O Serviço Florestal entendia o museu como um dos seus instrumentos de ação, o que remetia à difusão de museus de história natural pelo país, cujo exemplo maior era o Museu Nacional do Rio de Janeiro e à Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo (1886). Desde fins do século XIX, São Paulo passou a criar espaços institucionais dedicados ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, como era o caso, por exemplo, do Instituto Butantã (1899) ou do Instituto Agrônomo de Campinas, que surgiu, em 1887, como Estação Agrônoma de Campinas, passando para a administração estadual em 1892. Essas instituições procuravam colocar o Brasil em dia com o debate científico internacional, ao mesmo tempo que estavam direcionadas a atender necessidades urgentes, em especial aquelas tidas como fundamentais pelas elites econômicas e políticas, como as que envolviam a saúde pública ou a agricultura.

O objetivo primordial da Comissão Geográfica e Geológica era conhecer o território paulista e orientar sua ocupação e exploração econômica. A Seção de Botânica e Meteorologia da Comissão Geográfica e Geológica apresentou, em 1888, projeto de criação de um jardim botânico. Anos mais tarde, Alberto Löfgren (1854-1918), Orville Derby (1851-1915), membros da Comissão Geográfica e Geológica, e o arquiteto Ramos de Azevedo (1851-1928), elaboraram proposta de criação de um horto botânico em área próxima à Serra da Cantareira, lado norte da capital paulista. Datado de 10 de fevereiro de 1896, o Decreto Estadual nº 335, declarava de utilidade pública para desapropriação o imóvel conhecido como “Engenho Pedra Branca”, para que nele fosse instalado o Horto Botânico de São Paulo,

também conhecido como Horto Botânico da Cantareira. Nos anos seguintes, começou a introdução de espécimes da flora, tanto nativas como exóticas.

O Horto passou por diversas transformações nos anos seguintes. Em 1907, foi desligado da Comissão Geográfica e Geológica e passou a ser subordinado à Diretoria Geral da Secretaria da Agricultura. Dois anos mais tarde, chamado “Horto Botânico e Florestal” foi destinado ao estudo científico da flora dendrológica (espécies botânicas produtoras de lenha e de interesse econômico) e à restauração das matas do estado. Em 18 de abril de 1911 o decreto estadual nº 2.034, criava “o Serviço Florestal do Estado” que teria por sede o Horto Botânico e Florestal, que passava a ser denominado Horto Florestal. Suas finalidades eram a conservação e a reconstituição das matas nos terrenos de propriedade do Governo; o estudo e aproveitamento das essências florestais exóticas e indígenas; a manutenção de viveiros de essências florestais indígenas e exóticas, para distribuição de mudas aos interessados; o estudo e elaboração de projetos de lei e regulamentos florestais; a organização de viveiros de plantas arbóreas próprias, destinadas à ornamentação das ruas e praças das cidades do interior.

Em 1927, a Lei nº 2.223, de 14 de dezembro de 1927 atualizou o Serviço Florestal, incluindo, entre outros objetivos, “determinar as medidas necessárias para evitar o incêndio nas matas, para a obrigatoriedade dos aceiros nas queimadas e para evitar a propagação do fogo.” O estado foi dividido em cinco distritos florestais, ficando a sede na capital paulista, ficando a cargo do Diretor do Serviço Florestal a designação das sedes distritais. Cada uma dessas sedes deveria manter, como na capital, um museu, colecionando todos os elementos de estudo das árvores (nativas ou introduzidas), suas qualidades, aplicações e uso. Também deveria executar estudos de entomologia e estatísticas florestais.

Em 1928 teve início a construção do prédio que deveria abrigar o Museu Florestal na cidade de São Paulo. Seu estilo era neocolonial e ficava em lugar de destaque do Horto, atualmente designado Parque Estadual Alberto Löfgren, no alto de uma colina, próximo à linha imaginária do Trópico de Capricórnio. Cada espaço do museu foi pensado com uma finalidade específica e houve a constituição de todo um acervo produzido especialmente para ele, a partir da ação articulada de artistas, artesãos, e cientistas especializados na flora nativa da região. A inauguração oficial contou com a presença de autoridades e estudantes, que vieram em composições especiais do Trem da Cantareira, que atravessava a região rumo à Guarulhos.

Octávio Vecchi (1878-1932), então Diretor Geral do Serviço Florestal, acompanhou de perto a construção do museu e com sua formação artística e científica, assinou a maioria das peculiaridades que fizeram do Museu Florestal um espaço único e complexo. Tão fundamental foi sua contribuição que, desde 1948, seu nome integra oficialmente a denominação do Museu (Decreto nº 18.304, de 18 de setembro de 1948).

O acervo do Museu Florestal conjuga ciência, arte e história, com coleções de madeiras que compõem a estrutura e os bens integrados à arquitetura do seu edifício sede (esquadrias, pórticos, assoalhos e forros), além de amostras de diversos suportes, como mobiliário, peças em marchetaria, esculturas, pranchas com entalhes botânicos com detalhamento de ilustrações científicas de espécies arbóreas e vitrais confeccionados pela Casa Conrado, cujos temas espelham áreas históricas de pesquisa da instituição (botânica, fauna e entomologia).



Vitral central da sala projetada aos estudos de entomologia florestal, com a representação estilizada de uma mariposa

Os entalhes botânicos feitos na madeira da espécie representada são uma singularidade do acervo. A representação dos elementos das árvores, como folhas, flores e frutos, são tão precisos que podem ser considerados ilustrações científicas. Eles foram elaborados por funcionários públicos do Serviço Florestal com cargo de entalhador oficial e assistente: Antonio Oppido, contratado em 1937 e Antonio Alves, em 1939.



Amostra de pau-brasil entalhada por Antonio Oppido

Dentre as obras de arte que foram encomendadas e adquiridas especificamente para serem expostas no Museu Florestal, há criações de autores muito prestigiados, como as paisagens acadêmicas de Clodomiro Amazonas (1883-1953) e Campos Ayres (1881-1944); aquarelas de Alfredo Norfini e a pintura mural de Antonio Paim Vieira (1895-1988) com a representação estilizada de 42 árvores nativas nas quatro paredes do hall principal.



Imagem do *hall* principal da exposição de longa duração do Museu Florestal, em que é possível ver parte da pintura mural de Antonio Paim Vieira. Acervo Museu Florestal Octávio Vecchi.

O MUSEU FLORESTAL E A PESQUISA ACADÊMICA

Por Leticia Squeff, Manoela Rufinoni e Janes Jorge

O Museu Florestal Octávio Vecchi destaca-se, entre os equipamentos culturais da Região Metropolitana de São Paulo, como espaço com potencial para debater grandes questões da atualidade, como o desenvolvimento sustentável, as mudanças climáticas ou a necessidade de preservação da biodiversidade. Está localizado em uma das áreas protegidas mais antigas do país, o Parque Estadual Alberto Löfgren, antigo Horto Florestal, no entorno de uma das maiores florestas urbanas do mundo, o Parque Estadual da Cantareira, que enfrenta grande pressão com o avanço da mancha urbana. Assim, o museu merece atenção da sociedade, das autoridades ligadas ao meio ambiente do Estado de São Paulo e instituições de pesquisa. Faltam estudos científicos a respeito da história do Museu Florestal e de seu lugar como patrimônio cultural de São Paulo e do Brasil.

Em 2018, docentes dos cursos de história e história da arte da Universidade Federal de São Paulo, a Unifesp, iniciaram uma parceria com o Museu Florestal para desenvolver o projeto “O Museu Florestal Octávio Vecchi: meio-ambiente, patrimônio, arte e ciência em São Paulo”. O projeto pretende atingir duas metas principais: por um lado, envolver os alunos da Unifesp na prática científica associada ao estudo da instituição e suas coleções. O Museu Octávio Vecchi possui um riquíssimo e diversificado acervo, composto por mobiliário feito com madeiras nativas, entalhes botânicos, matrizes de xilogravura, coleções de aquarela e artefatos de charão, além do próprio edifício sede, diversas obras de arte, além de fotografias e relatos sobre diferentes regiões do estado de São Paulo e suas matas. A estrutura e o acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi são semelhantes a outros museus de história natural no mundo, cujo modelo mais próximo, no Brasil, era o Museu Nacional do Rio de Janeiro, incendiado em 2018. Nesse sentido, o Museu Octávio Vecchi pode ser visto como um dos últimos remanescentes locais de museu de história natural no país, o que ressalta a importância da parceria entre o Museu e a Unifesp.

Além disso, o projeto pretende auxiliar no aprimoramento do trabalho museológico realizado pela equipe do museu, relacionados à catalogação, conservação, difusão e ação educativa, por meio de atividades de formação e de extensão. Pela importância de seu acervo, único no Brasil, e de seu potencial para a pesquisa e educação ambiental, o Museu Florestal precisa ampliar seus recursos humanos e financeiros, de forma a expandir o âmbito de suas ações, tão necessárias nos tempos atuais.

ENTREVISTA

Natália Ferreira de Almeida

Servidora pública da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. Doutoranda em História da Arte. Possui bacharelado em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo, bacharelado e mestrado em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Há sete anos trabalha no Museu Florestal Octávio Vecchi.

Como é trabalhar no Museu Florestal?

Há um sentimento de responsabilidade muito grande, pois seu acervo, sua história e sua missão são muito peculiares e ainda pouco conhecidos. Não existe monotonia, a rotina envolve diferentes aspectos, como organizar o acervo, entender como cada objeto veio parar no museu, receber exposições itinerantes, atender ao público.

Qual a importância do Museu Florestal para a história de São Paulo?

A sua importância pode ser vista por diversas facetas. Ele tem relevância como instituição pioneira na divulgação da Silvicultura e da importância da preservação ambiental, sendo sede de pesquisa, mas também buscando diversas estratégias para dialogar com o público, em ações de difusão de conhecimento e de educação. Além da exposição de longa duração, o Museu participava de mostras itinerantes, realizava eventos, fazia intercâmbio com diversas instituições, utilizava de meios audiovisuais, como a distribuição de postais, folhetos e sessões de cinema (durante as décadas de 1940 e 1950).



Mansueto
Koscinski
e
Valdomiro
Ract



Cinema
educativo
no Museu
Florestal



Imagens da projeção, público assistindo a sessão e fila para o cinema educativo do Museu Florestal na década de 1940. Acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi.

O Museu Florestal também é de suma importância como patrimônio cultural, para História da Arte e da Museologia. Seu edifício tem uma peculiaridade importante: foi projetado para ser a sede do Museu Florestal. Além de ter sido construído em um local privilegiado do Parque Estadual Alberto Löfgren – Horto Florestal, os elementos da arquitetura foram estrategicamente escolhidos, como os forros e assoalhos, os vitrais temáticos e os lustres. Ou seja, esses elementos se associam intencionalmente com o acervo museológico, o que tem característica de vanguarda dentre as instituições brasileiras.

Em seu acervo há testemunhos de outras iniciativas pioneiras do serviço público do estado de São Paulo, como a Escola de Charão “Ryoichi Nakayama”, que estudou a produção e aplicação do charão (também conhecido como laca japonesa) durante as décadas de 1930 a 1970, bem como a Escola de Xilografia do Horto Florestal (década de 1940). Apesar de não funcionarem nas dependências do museu, deixaram uma produção material importantíssima que integra as coleções do Museu Florestal Octávio Vecchi.

Uma obra do seu acervo que merece destaque é uma composição de três painéis de autoria de Helios Seelinger (1878-1965) que representa marcos da história paulista, como a chegada de Martim Afonso no Litoral de São Vicente, o movimento bandeirante e uma alegoria do desenvolvimento da paisagem urbana.

Maria do Carmo Couto da Silva, professora de História da Arte da Universidade de Brasília (UnB), e João Victor Rossetti Brancato, doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), publicaram em 2021 um trabalho que analisa a relação da obra “Evolução de São Paulo” com a história da devastação e a preservação ambiental no território paulista. O artigo científico “Modernização e preservação do meio ambiente no tríptico de Helios Seelinger no Museu Florestal Octávio Vecchi, em São Paulo”, publicado na Revista Patrimônio e Memória, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) - câmpus de Assis, pode ser acessado no link: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1262>



Cada painel do tríptico pintado por Helios Seelinger apresenta um momento da história de São Paulo constituindo uma importante obra da iconografia paulista: *Descobrimto do litoral de São Vicente por Martim Afonso* (180x390 cm); *Uma Bandeira chefiada pelo bandeirante Fernão Dias Paes Leme* (340x390cm); *Cidade de São Paulo com seus arranha-céus* (180x390cm), óleo sobre tela, 1928-1929

Quais as atividades que o Museu Florestal realiza?

Atualmente, o Museu Florestal Octávio Vecchi desenvolve atividades de guarda e organização do acervo arquivístico e museológico; atendimento a pesquisadores, visitantes

espontâneos, bem como a grupos agendados (escolas, universidades, cursos técnicos, centros comunitários, etc.); promove atividades culturais nas dependências do museu e entorno, como palestras, oficinas de arte e botânica (com participação de voluntários e técnicos do Instituto Florestal), exposições temporárias, rodas de conversa e caminhadas históricas pelos espaços do Parque Estadual Alberto Löfgren - PEAL.

Apesar de nossa atuação ser primordialmente no território em que o Museu está localizado, a missão institucional ultrapassa essas fronteiras nesse sentido, com a ajuda de voluntários e instituições parceiras, estamos em um movimento de ampliar a rede de interlocutores.

Uma iniciativa que vale a pena destacar é a realização das caminhadas históricas. O Parque tem um público espontâneo muito expressivo, no ano de 2019, por exemplo, teve perto de dois milhões de visitas, mas poucos sabem da importância histórica desse lugar. A Caminhada Histórica pretende difundir a importância do Museu, cuja trajetória não pode ser separada da história do próprio Parque e do Instituto Florestal. A primeira caminhada aconteceu em 2018, em comemoração ao aniversário do Parque. De lá pra cá já foram realizadas 14 edições presenciais e duas virtuais após o início da pandemia. O evento foi crescendo e somente em 2019 participaram cerca de 470 pessoas.



Foto de Caminhada Histórica realizada em 2019. Momento em que os participantes conhecem a área administrativa do Parque. No fundo da imagem, é possível ver a sede do Instituto Florestal, edificação inaugurada no início da década de 1940.

O trajeto passa por edifícios antigos e arboretos centenários. Ao longo da atividade, os monitores narram a história de personagens que trabalharam no Horto, como Alberto Löfgren, Edmundo Navarro de Andrade e Octávio Vecchi. Figuras religiosas e folclóricas relacionadas à proteção da natureza também aparecem, como São João Gualberto e o Curupira. Os visitantes também têm a oportunidade de conhecer um pouco sobre as variadas espécies de bichos e plantas que ocorrem no Parque.

Além das conversas que ocorrem ao longo da Caminhada, o itinerário intercala diversas atividades lúdicas. Os participantes podem ver fotos antigas da área e comparar com a paisagem e a arquitetura atuais. Também há contação de história e música.

Em outubro de 2019 fizemos uma edição especial para as crianças no formato de “caça ao tesouro”. Durante a caminhada, as crianças plantaram uma muda de louveira aos pés do Museu Florestal “Octávio Vecchi”. Este foi um momento muito importante, pois não se tinha conhecimento de nenhum exemplar desta árvore no Parque. Octávio Vecchi era admirador dessa espécie e foi homenageado por Alberto José de Sampaio (1881-1946), botânico do Museu Nacional, que atribui a ela o nome científico de *Cyclobalium vecchi*, em 1941.

Essas ações só são possíveis porque contamos com a atuação constante de parceiros como do Movimento Conservatio, do Movimento Infantojuvenil Crescendo com Arte (MICA).

Qual a importância do Museu Florestal, hoje, quando a crise ambiental se torna global?

Uma característica muito interessante do Museu Florestal é que ele já nasce com um sentido de colocar em pauta estratégias de desenvolvimento econômico e de uso racional dos recursos naturais.

Dentre as questões que lidamos no cotidiano do atendimento aos visitantes, essa relação complexa entre o desenvolvimento e a exploração do meio ambiente é muito abordada. Isso abre diversas discussões muito interessantes. Aparentemente, um museu cujo acervo é predominantemente formado por peças de madeira (incluindo partes da arquitetura) pode gerar um conflito com a preservação das florestas. Por isso, parte do nosso trabalho educativo consiste em colocar em debate a importância da pesquisa e da produção sustentável da madeira e outros produtos florestais. O empenho dos idealizadores do Serviço Florestal e do Museu Florestal era o de substituir o extrativismo pela Silvicultura, ou seja, o cultivo planejado de árvores para aproveitamento humano, conhecer a diversidade da flora nativa e seu potencial econômico, além da introdução de espécies de outras regiões. Ainda assim, não era apenas essa a missão da instituição, além dos ganhos econômicos diretos com a produção florestal, também se sabia da importância das florestas para o meio ambiente equilibrado, biodiversidade e qualidade de vida. Hoje tem um termo para se referir a esses

diversos benefícios que as florestas nos trazem, como a regulação do clima, produção de água: serviços ecossistêmicos. Por isso, uma das estratégias para proteção das florestas remanescentes era a aquisição de terras pelo Estado para pesquisa e preservação, bem como o desenvolvimento de técnicas de regeneração de áreas degradadas.

Atualmente, as contradições não apenas persistem como se ampliaram, os debates sobre mudanças climáticas, a relação da degradação ambiental com novas doenças e pandemias, não eram difundidos no início do Século XX. O museu, por ser um local público a serviço da sociedade, tem a vocação de ser um espaço para discutir e lidar com relação complexa do ser humano com a natureza, bem como permitir diálogos sobre formas alternativas de desenvolvimento e sobre outras possibilidades de convivência para construção de um mundo mais justo, equilibrado e igualitário.

O Museu tem a vocação de trabalhar a divulgação científica e educação ambiental para público bastante diverso. Vocês também desenvolvem atividades voltadas a uma audiência mais especializada, com estudantes universitários, pesquisadores e acadêmicos?

Em 2019 realizamos diversos eventos voltados a estes públicos mais especializados. Em abril do ano passado promovemos palestra do engenheiro agrônomo Benjamín Ortiz Espejel, professor da Universidade de Puebla, no México. O pesquisador falou sobre a ressignificação da sustentabilidade à luz das práticas cotidianas dos povos tradicionais e indígenas. O evento foi promovido em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da Unicamp e o Grupo de Trabalho de História Ambiental da seção paulista da Associação Nacional de História.

No mês de maio, durante a 17ª Semana Nacional de Museus do Ibram, pesquisadores apresentaram no espaço do Museu Florestal os resultados de estudos científicos sobre a relação dos museus com seu entorno. O evento teve a participação da professora Cecília Machado, coordenadora do Curso Técnico de Museologia da Etec Parque da Juventude/CPS, e de Vilma Cristina Nosedá, doutoranda pela PUC-SP. Os debates foram mediados pelo professor Janes Jorge, do Departamento de História da UNIFESP-Guarulhos.

Como parte das atividades da Festa das Árvores, promovida ao longo de todo o mês de setembro, o Museu Florestal comemorou 88 anos. Na ocasião, foi realizada uma roda de conversa e o palestrante convidado foi o historiador Dalmo Dippold Vilar, que trabalhou no Instituto Florestal entre as décadas de 1980 e 1990 e contou sobre suas pesquisas acerca do espaço e sobre Octávio Vecchi. A celebração teve a presença de Carlos Vecchi Dränger, neto

do idealizador do Museu e que vem atuando para resgatar a história de Octávio Vecchi e do Museu Florestal.

Entre novembro do ano passado e fevereiro de 2020, o Museu promoveu a exposição “Madeira: Ciência e Arte – Gravura e Botânica”, resultado de uma pesquisa com a madeira de diversas espécies brasileiras. No último mês de evento, foi promovido um bate-papo com o artista José Milton Turcato e o biólogo Peter Stoltenborg Groenendyk, professor da Unicamp. Da pesquisa à exposição, o processo teve a participação ou o apoio do Serviço Florestal Brasileiro, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de São Paulo (IPT/USP). A mostra recebeu 4 mil visitantes, o que mostra que muitas vezes é difícil distinguir se determinadas iniciativas são pertinentes apenas para um público mais especializado ou se podem gerar interesse em uma audiência mais ampla, o que é muito interessante. Uma estratégia é manter as portas sempre abertas para desenvolvermos, através dessas parcerias, atividades que dialogam com os principais temas que dão identidade e sentido para o Museu Florestal: a ciência, o meio ambiente, a história e a arte.

Durante o período da pandemia, as atividades tiveram que ser adaptadas ao ambiente virtual e o Museu Florestal promoveu diversas *lives*. Em maio de 2020, como parte da programação da Semana de Museus, foi realizado um bate-papo com os professores da Unifesp-Guarulhos Janes Jorge e Letícia Squeff e o pesquisador Felipe Zanusso, à época doutorando em Meio Ambiente e Sociedade na Unicamp, com o tema “Arte, Meio Ambiente e História”. Janes e Felipe retornaram em junho para realizar a palestra “A origem da Festa das Árvores”, em comemoração à Semana do Meio Ambiente. A Festa das Árvores de 2020 também correu totalmente em ambiente virtual e, entre as atividades mais acadêmicas, Paulo Muzio, funcionário do Museu, apresentou o andamento de sua pesquisa de mestrado, que conta um pouco da história da divulgação científica do antigo Serviço Florestal e a contribuição do Museu para a constituição dos saberes ambientais em São Paulo.. Em junho de 2021, participei junto ao Felipe Zanusso do III Mês do Meio Ambiente na Unifesp com a mesa redonda “Meio Ambiente em São Paulo: coisa do século XIX”.

A pesquisa de mestrado de Paulo Muzio, pela Unicamp, utilizou a Análise de Discurso para fazer uma reflexão sobre a divulgação científica no Museu Florestal em seus anos iniciais (décadas de 1930 e 1940). O trabalho foi defendido em 2020. O texto final da dissertação “Os sentidos do Museu Florestal “Octávio Vecchi”” pode ser acessado no link: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/357496>

Quais os projetos do Museu Florestal para o futuro?

Os grandes desafios atuais do Museu Florestal são garantir a acessibilidade a todos os públicos, com adequação do espaço físico, estratégias de comunicação e com a estruturação de uma equipe de educadores qualificados, bem como aumentar a participação da comunidade não apenas nas atividades do museu, mas no seu planejamento. É também necessário aprofundar a pesquisa sobre sua história, sobre seu acervo e consolidá-lo como um espaço dinâmico, com vida, para ser fruído e construído pela coletividade.

No momento, estamos em um processo de transição, em que a operação do Museu Florestal será realizada, em um futuro próximo, por uma instituição concessionária dos serviços de uso público, educação ambiental e turismo dos Parques Estaduais da Cantareira e Alberto Löfgren. Esse processo vem sendo conduzido por uma equipe técnica com todo cuidado para que o Museu se qualifique em relação aos critérios setoriais de museus, bem como se fortaleça como atrativo do parque. Ao mesmo tempo, o Instituto de Pesquisas Ambientais dispõe de uma equipe para fazer a supervisão e dar todo apoio técnico necessário, além de fomentar pesquisas e parcerias para salvaguarda e difusão do acervo e história do Museu Florestal.

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Por Paulo Andreetto de Muzio

Em 2018, o arquiteto e designer Carlos Vecchi Dränger, neto de Octávio Vecchi, doou ao acervo do Museu Florestal diversos objetos que foram de seu avô: um estereoscópio em madeira, uma coleção de 235 diapositivos e negativos de vidro, um álbum de desenhos originais com 15 gravuras, uma brochura original sobre Octávio Vecchi do ano de 1943 e dois álbuns de fotografias da época.

As fotografias trazem imagens diversas da vida do idealizador do Museu Florestal. Desde a época que ele morou em Araras/SP, quando esteve à frente do Horto de Loreto da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (entre 1911 e 1927), até o período em que veio à capital como diretor do Serviço Florestal do Estado de São Paulo e colocou o Museu de pé. Além de cenas de paisagens, plantios, edifícios e práticas laborais desenvolvidas pelo engenheiro agrônomo na época, a coleção traz algumas fotos de Vecchi em momentos de lazer com a família. Em algumas delas é possível identificar outro engenheiro agrônomo: Edmundo Navarro de Andrade, seu cunhado. Também há fotos do ano de 1923 de uma viagem ao Rio de Janeiro, registrada no topo do Morro do Corcovado, ainda sem a estátua do Cristo Redentor. Curiosamente, tanto o Museu Florestal quanto o mais conhecido cartão postal brasileiro têm a mesma idade, este último tendo sido inaugurado alguns dias depois, em 12 de outubro de 1931.



Imagem do interior da residência de Octávio Vecchi, em Araras. Década de 1910-1920. Acervo Museu Florestal Octávio Vecchi.

Além da importância histórica do acervo doado, algumas peças possuem caráter lúdico e revelam que algumas tecnologias são mais antigas do que pensamos. É o caso dos negativos e diapositivos de vidro, que ao serem colocados no estereoscópio, formam imagens em 3D. Um material com grande potencial educacional e de divulgação científica.

Carlos seguiu acompanhando e participando das atividades realizadas no espaço e em 2019 generosamente criou uma nova logomarca para o Museu Florestal.

UMA HISTÓRIA QUE SE ENTRELAÇA À DO MUSEU FLORESTAL: A FESTA DAS ÁRVORES

Por Emílio Alves Augusto e Felipe Zanusso

No ano de 1902, uma comitiva saía da Estação da Luz, na capital paulista, em direção ao interior do estado, levando mudas cultivadas no Horto da Canteira, bandeiras e a mensagem de que era preciso amar e proteger as árvores. O grupo era composto por cientistas, autoridades públicas, músicos e o destino era o município de Araras, onde, no dia 07 de junho, com a presença de 500 crianças e milhares de presentes, foi realizada a primeira Festa das Árvores no Brasil.

Inspirada no “Arbor Day” (Dia da Árvore), evento que ocorria nos Estados Unidos e outros países, a Festa foi organizada por três pessoas que já se preocupavam com o avanço do desmatamento no país e em São Paulo: Alberto Löfgren, responsável pela Seção de Botânica da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo; o engenheiro João Pedro Cardoso, inspetor de Agronomia do Estado; e o poeta Coelho Neto, que escreveu diversos textos exaltando a importância da natureza. A ideia era celebrar a importância da Natureza para a vida humana, além de sensibilizar a população sobre a necessidade de preservar as árvores de forma alegre e marcante.



Foto da festa de 1902, no momento em que Domingos de Moraes, vice-presidente do Estado dá início ao plantio do bosque comemorativo, com uma de pau-brasil. Fonte: *Araras – 1902: história da primeira Festa das Árvores do Brasil*, de Wenilton Luís Daltro. Araras: Topázio, 2002. A imagem é reproduzida na pág. 45, a foto original foi tirada por Guilherme Gaensly, no largo da Igreja Matriz.

Se hoje podemos conhecer e desfrutar paisagens naturais estonteantes, verdadeiros santuários do Meio Ambiente protegidos por lei, como os parques estaduais da Cantareira, Alberto Löfgren, do Jaraguá, e outros, foi por causa das ações pioneiras como essas. Mesmo com esses esforços, desde a celebração deste primeiro dia das árvores a devastação não cessou e houve uma grande diminuição das áreas verdes em São Paulo e no Brasil. Isto impacta diretamente na qualidade de vida da população, que sofre, por exemplo, com crises de abastecimento de água, problemas de saúde decorrentes da poluição atmosférica e o aumento de transtornos psicológicos como o stress. Por isso, atividades como aquela de 1902, são tão necessárias. Desde 2018 o Museu Florestal Octávio Vecchi, com diversos colaboradores, como o Movimento Conservatio, o Movimento Infantojuvenil Crescendo com Arte (MICA) e outros amigos do Museu Florestal, tem se dedicado a resgatar a tradição de

comemorar a Festa das Árvores. É importante conhecer a história que originou esta celebração e incentivar um engajamento das instituições e pessoas através de campanhas pelas redes sociais e veículos de comunicação. Em 2019, escolas, prefeituras, voluntários, entre outros, foram convidadas a realizarem ações de preservação e educação ambiental ao longo de todo o mês de setembro, de acordo com suas condições: plantios, caminhadas, oficinas, rodas de conversa ou mesmo campanhas virtuais.



Uma das atividades das festa das árvores de 2019: caminhada pelo Arboreto da Vila Amália, área de importância histórica e científica do Parque Estadual Alberto Löfgren

Algumas instituições do entorno do Parque Estadual Alberto Löfgren, já parceiras do Museu Florestal, aderiram às comemorações. A Escola Estadual Guilherme de Almeida tinha realizado em agosto uma atividade de educação ambiental ministrada pelo corpo técnico do Instituto Florestal que resultou na identificação das espécies plantadas em seu terreno. Em 21 de setembro do mesmo ano, foram confeccionadas placas para identificar cada uma destas árvores. O mesmo aconteceu na Fábrica de Cultura da Cachoeirinha, que tinha adotado 13 mudas fornecidas pelo Instituto no ano anterior.

No município de Bertioga, litoral paulista, monitores das comunidades Vila da Mata, Carvalho Pinto e Chácaras Balneário Mogiano se propuseram a realizar trilhas na Mata Atlântica e plantios de mudas. O evento aconteceu em parceria com o Parque Estadual

Restinga de Bertioga e a Associação Bertioguense de Ecoturismo. A Festa das Árvores extrapolou as divisas do estado de São Paulo. Participaram do concurso de desenhos escolas de Cuiabá, no estado do Mato Grosso, e Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. No estado da Bahia, algumas pessoas da comunidade de Lençóis se uniram à iniciativa de celebração e fizeram plantios em cinco pontos diferentes da cidade. O evento também chegou a Florianópolis, em Santa Catarina, onde o Movimento S.O.S. Moçambique realizou uma série de atividades, como plantio, caminhada, roda de conversa e doação de mudas.

A equipe envolvida na Festa das Árvores registrou um número de 989 visitantes que participaram das atividades da Festa das Árvores realizadas no espaço do Museu ao longo de setembro, sendo 439 apenas nos dias 21 e 22.

Nos últimos dois anos, pelo advento das limitações impostas pela Pandemia de Covid-19, as comemorações foram centradas em atividades virtuais, como o Concurso internacional de fotografia, realizado em parceria com o Movimento Infantojuvenil Crescendo com Arte, caminhadas e encontros virtuais, em formato de *live*.

Neste ano de 2021, a história da Festa foi contada em uma exposição virtual realizada pela Casa de Cultura e Biblioteca Municipal de Araras, tendo o Museu Florestal Octávio Vecchi como parceiro institucional. <https://arvores2021.wixsite.com/festadasarvores> e uma Roda de Conversa com pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp de da Universidade de Brasília - Unb sobre Modernidade e Preservação do Meio Ambiente no Tríptico de Helios Seelinger, do acervo do Museu Florestal.

AQUARELAS DE NORFINI

Por Livia Souza Alves¹

O Museu Florestal foi organizado para demonstrar as possibilidades de aproveitamento racional das riquezas florestais do Brasil, e podendo servir hoje para fomentar o pensamento ambiental na sociedade. Foi para desenvolver esse ambiente que tinha, entre seus objetivos, despertar a curiosidade no saber do público nas questões dos recursos naturais, que o acervo do Museu Florestal tem uma característica peculiar, foi produzido como objeto museológico.

¹ A autora desenvolveu a pesquisa de iniciação científica *História Ambiental e expografia do Museu Octávio Vecchi*, sob orientação do Prof. Dr. Janes Jorge, pesquisa vinculada ao Projeto “Museu Florestal Octávio Vecchi – arte, ciência e história ambiental em São Paulo (1931-2019)”, em que estudou a coleção de aquarelas de autoria de Alfredo Norfini. Foi bolsista PIBIC-CNPq em 2019/2020, pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

Octávio Vecchi, além da sua formação como engenheiro agrônomo tinha uma veia artística, cantava fado quando se graduava em Portugal, além de ter desenhado o assoalho do museu e costumava tirar muitas fotografias. O que de algum modo pode ter influenciado a investir em peças de artes no acervo do museu, mesmo sendo um museu de ciências naturais, muito provavelmente para cativar o público geral. Nesse sentido, algumas das obras que podemos destacar são as pinturas no mural executadas por Antonio Paim Vieira, o óleo sobre tela de Helios Seelinger e as aquarelas de Alfredo Norfini, que foram feitas sob encomenda para o acervo por artistas que não compunham o quadro de funcionários do Museu Florestal.²

Aquarelas têm características que explicam sua presença no projeto museológico. Naquela época, as fotos coloridas ainda não eram facilmente adquiridas e a qualidade ficava a desejar. Uma representação de algo colorido certamente gerava mais comoção em qualquer observador, além do tema ser um tanto bucólico, por não serem apenas árvores, mas árvores floridas em uma paisagem. Não por acaso, Norfini foi escolhido para fazer essas obras, já que vinha ganhando um destaque na sua carreira aqui em São Paulo.

Norfini fazia parte de um grupo de artistas provindos da Itália, que eram a maioria dentre os estrangeiros, sendo 25,3% do total de artistas ativos em São Paulo entre 1890 e 1920; veio para o Brasil a convite do major Álvaro Xavier Camargo de Andrade e seu filho, estabelecendo-se primeiramente em Campinas onde organizou uma exposição de artes, a 1ª Exposição de Artes e Artes Aplicadas às indústrias em 1903 e ganhou medalha de ouro. Após passar por São Paulo, Europa, Egito e no Rio de Janeiro, onde trabalhou na revista Renascença. Além de seu sucesso como artista, Norfini, no início da década de 1910 já ministrava aulas e fez parte das primeiras iniciativas de implementação de cursos de caráter mais regular. Se estabeleceu em 1911 em São Paulo, onde fundou a Estudantina de Pintura e, a convite de Ramos de Azevedo, lecionou durante 22 anos no Liceu de Artes e Ofícios. Participou de diversas exposições, incluindo uma mostra individual, em 1924.³

Alfredo Norfini foi um dos raros aquarelistas dessa época, uma técnica mais difícil já que o desenho de aquarela exige uma segurança e firmeza do artista, uma vez que não se pode retocá-la sem perder a leveza. Muito viajado e com um espírito de pesquisador, suas pinturas de árvores tinham um colorido vivo e ele acrescentava detalhes como as flores e as formas e disposição das folhas, para facilitar a identificação da espécie, além de se preocupar

² PRIEDOLS, Elisabete. O Museu Florestal Octávio Vecchi: trajetória e contribuição para a história ambiental brasileira. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. p. 21.

³ TARASANTCHI, Ruth Sprung. Pintores Paisagistas: São Paulo 1890 a 1920. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 148-153.

com a vegetação vizinha e o céu, se importando com a composição como um todo. Algumas vezes, colocava o nome científico da espécie retratada.⁴ As aquarelas feitas por ele e presentes na expografia do Museu Octávio Vecchi⁵ retratam uma variedade de espécies de árvores nativas da vegetação originária de São Paulo que foram plantadas no Horto Florestal de São Paulo, o atual entorno do museu. Como uma forma de catalogar, lembrar e preservar de forma imagética essas espécies de árvores, colocando essas imagens de uma tradição taxonômica vinculadas hoje à história ambiental e à preservação ecológica.

⁴ TARASANTCHI, Ruth S. O Paisagismo: Contribuições Italianas à visão Brasileira. 1995. p. 95-94.

⁵ As aquarelas feitas pelo artista Alfredo Norfini entre 1927 a 1932 que integram o acervo do Museu Octávio Vecchi, totalizam dezenove obras, sendo que dezessete destas representam uma espécie de alguma árvore nativa e presente na arborização do Horto Florestal, o entorno do Museu Florestal, uma é a representação da fachada do Museu, (reproduzida na capa desta publicação) e uma edificação do antigo engenho Pedra Branca, que deu lugar ao Horto Florestal, atual Parque Estadual Alberto Löfgren.



Imagem de aquarela exposta no Museu Florestal com a representação de uma espécie do gênero *erythrina*, família fabaceae. Acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi.



Detalhe do canto inferior direito da obra com informações sobre o nome científico da espécie representada e época de floração; abaixo, assinatura do artista, local e data de execução da aquarela. Acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi.

Além de destaque na técnica da aquarela, a obra de Norfini é muito relevante para a construção imagética nacional, sua produção artística representa importante registro visual-documental de diversas áreas, uma vez que seu trabalho captava arquiteturas, costumes, animais e vegetações. Apesar da carência de estudos mais amplos e aprofundados sobre sua obra e, assim, uma inserção mais eloquente na História da Arte, Norfini foi importante não somente por suas obras, que compõem parte do acervo e da expografia de diversas coleções dos museus nacionais, mas também pelos artistas que ensinou e influenciou.⁶

No tocante à coleção que integra o acervo do Museu Octávio Vecchi, as aquarelas são parte de muitas questões que envolvem a expografia do museu, que desde o início estiveram presente na concepção do Museu Florestal, alinhados aos objetivos que acabam por passar pela conscientização ambiental, sensibilização e valorização da natureza local, deste modo, esforçam-se em criar meios para levantar a importância da preservação nativa dos recursos. Além de serem obras relevantes para compreender a trajetória do artista, localizando-o na História da Arte por ter gerado impacto, não somente na História de São Paulo, como também na do Brasil.

⁶ TARASANTCHI, Ruth Sprung. Pintores Paisagistas: São Paulo 1890 a 1920. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 152.

A SAGA DO CURUPIRA

Por Paulo Andreetto de Muzio

O Curupira é um dos entes mais fantásticos e populares do Brasil. Presente nas narrativas indígenas e no folclore nacional, ele defende a floresta e os animais que nela habitam, confundindo caçadores com suas pegadas invertidas e escondendo suas armas.

Em 1968, a deputada Dulce Salles Cunha Braga propôs o Curupira como símbolo estadual de guardião e protetor das florestas e dos animais. O projeto determinava que o Curupira seria difundido nas escolas de graus primário e médio e que as secretarias da Agricultura e da Educação deveriam tomar as providências no sentido de difundi-lo como protetor da flora e fauna. Em agosto daquele ano, o deputado Solon Borges dos Reis recomendou que o projeto fosse aprovado pela casa. "Diariamente nos jornais temos notícias de atos criminosos no sentido de devastar a nossa flora e a fauna, apesar da proteção que o estado oferece. É importante, a fim de pôr paradeiro a esses atos criminosos, educar as nossas crianças, mostrando-lhes os aspectos positivos da preservação forçosa da natureza e da fauna, tão necessárias à vida do homem", escreveu o parlamentar em suas justificativas.



Foto de criança com a imagem do a imagem instalada em 1970 no Parque Estadual Alberto Lofgren, 1984. Cedida por Marco Antonio, visitante do Museu Florestal.

Em 11 de setembro de 1970, finalmente, o Curupira foi instituído por lei como “*Símbolo Estadual do Guardião e Protetor das Florestas e dos animais que nela vivem*”. No dia 21 daquele mesmo mês, foi inaugurado o monumento ao Curupira no Horto Florestal de São Paulo, atualmente Parque Estadual Alberto Löfgren (PEAL). A estátua foi doada pelo prefeito de Ribeirão Preto, Antônio Duarte Nogueira, feita a partir de uma estátua do Curupira existente no bosque Fábio Barreto, naquele município. Por uma infeliz coincidência, tanto a imagem de Ribeirão Preto quanto sua cópia da capital sofreram depredações na década de 1990 e foram retiradas de seus locais de exibição.

A volta do Curupira

Em 2018, Felipe Zanusso, pesquisando a história das Unidades de Conservação da Natureza do Estado de São Paulo para seu doutorado na Unicamp, descobriu a história da estátua do Curupira no PEAL. Em visita ao Museu, conheceu o servidor do Instituto Florestal (IF) Robinson Dias da Silva, que resgatou a estátua na época que foi depredada e a restaurou parcialmente. Atualmente ela se encontra no Museu. Ao lado de Natália Almeida, pesquisando as origens do Curupira do Horto, chegou ao artista Thirso Cruz, de 83 anos. Thirso Cruz é natural de São Joaquim da Barra e radicado há mais de sessenta anos em Ribeirão Preto, onde produziu muitas obras e ensinou seu ofício. A cidade ostenta dezenas de esculturas de sua autoria.

No ano 2000, Thirso Cruz confeccionou uma nova estátua do Curupira, que foi colocada no Parque Prefeito Luiz Roberto Jábali (conhecido como Parque do Curupira). Mais recentemente, em 2019, Thirso preparou também um novo Curupira para o Parque Alberto Löfgren. Em 21 de setembro de 2019, dia da árvore, o protetor da biodiversidade das florestas paulistas voltou a ser apresentado na área externa do Parque, enquanto a estátua de 1970 pode ser vista no interior do Museu Florestal.

Imagem do Curupira no dia de sua inauguração, em 21 de setembro de 2019, durante as comemorações da Festa das Árvores. Ao lado da imagem do Curupira, o autor, Thirso Cruz. Também aparecem nessa foto Robinson Dias, quarta pessoa da esquerda para direita e em seguida Natália Almeida, Osny Aguiar, Thalita Carvalho, José Carlos Oliveira e Felipe Zanusso.

A volta do Curupira ao Horto foi um dos eventos mais marcantes da Festa das Árvores de 2019. Muitas pessoas que visitam o Horto desde a década de 1970 trazem uma memória

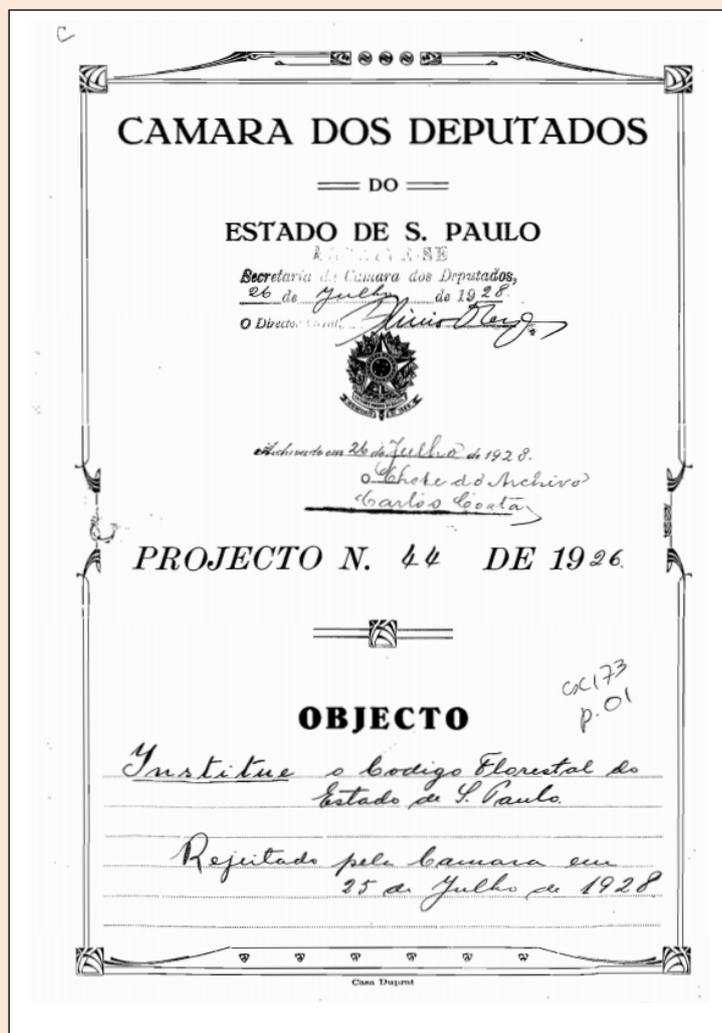


afetiva do Curupira. Agora ele está de volta para evocar saberes ancestrais e tocar o coração das crianças de hoje.

Em 2021, Andrea Vasconcelos de Andrade Escórcio apresentou trabalho de conclusão de curso de bacharelado em História da Arte pela Unifesp-Guarulhos. Na monografia, dedica um capítulo inteiro para contar a biografia do Curupira do Parque Estadual Alberto Löfgren. O trabalho “Narrativas sobre o Curupira: povos originários, folclores e mercantilização da cultura” pode ser acessado no link: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61867>

O Museu Florestal como símbolo da vanguarda paulista nas questões ambientais

Por Emílio Alves Augusto



Apresentado no dia 25 de outubro de 1926 por Orlando de Almeida Prado, então deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista, o Projeto de Lei nº44/26 previa a instituição de um Código Florestal para o estado de São Paulo.

De redação similar ao Decreto nº4.421/21 que havia criado o Serviço Florestal do Brasil cinco anos antes, o projeto determinava a reorganização do então Serviço Florestal do Estado de São Paulo (que em 1970 se tornou Instituto Florestal e em 2020 foi extinto para integrar o Instituto de Pesquisas Ambientais), além de regulamentar um conjunto de ordenamentos referentes à criação, delimitação e proteção de florestas, parques estaduais e hortos florestais, determinando também a promoção e o

desenvolvimento do ensino da Silvicultura e suas práticas no estado.

O texto do projeto do Código Florestal paulista procurava dar destaque ao ensino da Silvicultura, tendo os Hortos Florestais como centros de aprendizagem prática desses conhecimentos:

“Artigo 21 - Serão criadas, junto aos Hortos, escolas teórico-práticas de Silvicultura, para a divulgação das noções elementares mais necessárias e formação de um corpo de operários florestais, que terão preferência no preenchimento de cargos compatíveis com a sua aptidão, tais como capatazes de turma, guardas florestais, etc.”

O Projeto de Lei nº 44 de 1926 foi rejeitado. Houve a aprovação de outro projeto que resultou na Lei nº 2.223, de 14 de dezembro de 1927, que promoveu a reorganização do Serviço Florestal do Estado de São Paulo sem, no entanto, constituir o Código Florestal presente no texto anterior.

O Projeto de Lei nº 44 de 1926 previa e seu artigo nº 24 que “Os hortos serão dotados de um pequeno museu florestal, com mostruário de essências indígenas da flora local e das mais notáveis espécies de outras zonas do país e exóticas.”

Já na redação da Lei n. 2223/27 em seu artigo 4º que “A cada distrito florestal incumbe: [...] c) manter um pequeno museu regional, para os produtos florestais da respectiva reserva;”.

A lei nº 2.223/27, por sua vez, teve sua regulamentação tratada pelo Decreto nº 4.464, de 26 de setembro de 1928, que detalhou as atribuições dos museus:

“Artigo 12. – A cada distrito florestal incumbe: (...) c) manter um pequeno Museu regional para os produtos florestais da respectiva reserva; (...)”

Artigo 15. – Nos museus regionais a cargo dos distritos florestais deverão ser facultados aos interessados todos os dados que digam respeito às possibilidades florestais de cada distrito, tais como madeiras indígenas mais comuns, suas qualidades, aplicações e usos; processos de exploração, reservas e conservação das matas, etc. § único. - O Museu Florestal da Sede Central terá maior desenvolvimento, devendo nele ser colecionados todos os elementos de estudo da flora lenhosa indígena o exótica, entomologia florestal, mapas, estatísticas florestais etc.”

Os dispositivos acima citados são pontos em comum presentes em ambos os projetos que tramitaram no legislativo paulista e é justamente a menção da necessidade de criação de um *museu florestal*, o que constitui uma singularidade em relação à legislação federal.

O LIVRO “AS ÁRVORES NATIVAS DE SÃO PAULO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA FLORA ARBÓREA DO ESTADO DE SÃO PAULO”⁷

Por Bianca Letícia de Almeida

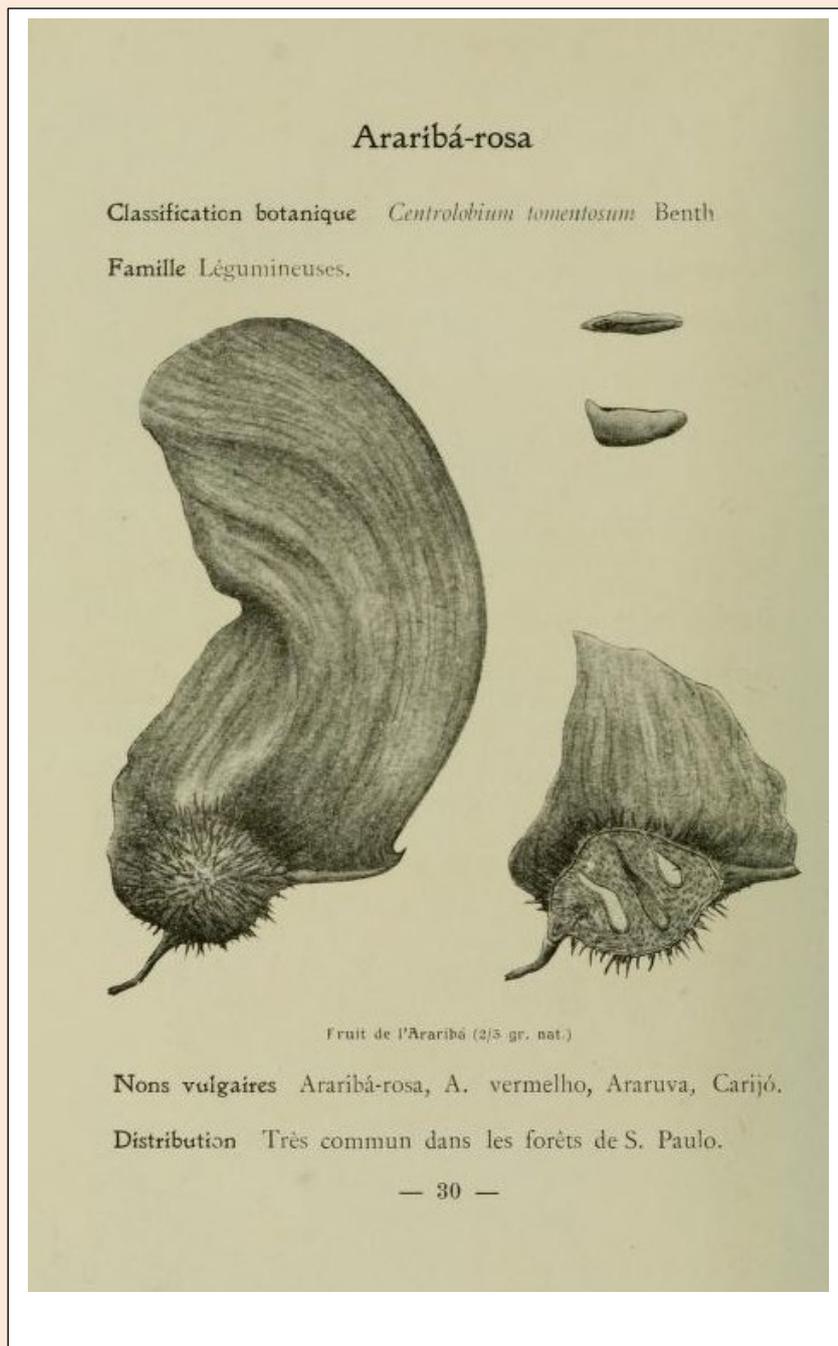
O livro *Les Bois Indigènes de São Paulo: Contribution à l'Étude de la Flore Forestière de l'État de S. Paulo* (As árvores nativas - ou a madeira nativa - de São Paulo: contribuição ao estudo da flora florestal do Estado de São Paulo) foi escrito por Edmundo Navarro de Andrade e Octávio Vecchi. A publicação, de 1926, foi editada pela Secretaria de Agricultura, Comércio e Trabalho do Estado de São Paulo.

Na obra, os agrônomos fizeram uma catalogação de 223 árvores nativas de São Paulo, todas com ilustrações feitas por Vecchi. Destas espécies, 150 foram acompanhadas de classificações botânicas, as restantes aparecem no apêndice do livro com o nome e ilustração, mas com pouca ou nenhuma informação científica.

Andrade e Vecchi apontaram no prefácio de *Les Bois* que eles conseguiram colecionar flores e frutos de quase todas as espécies florestais do Estado. Nem todas, porém, conseguiram aparecer no livro. Eles haviam enviado o herbário organizado às seções de botânica do Museu Nacional e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro – cujos diretores eram Alberto José Sampaio e Alberto Löfgren, respectivamente – para uma classificação botânica exata. Somente uma parte dos exemplares, contudo, foram identificados a tempo da edição da obra.

Outras dificuldades impediram que os autores publicassem a obra exatamente como queriam. Eles gostariam que os desenhos das flores saíssem coloridos, mas isso só poderia ser realizado na Europa, que passava pela Primeira Guerra Mundial naquele momento. O conflito também não tornou possível que Andrade e Vecchi recebessem aparelhos de medição de resistência de madeira. O problema foi resolvido pelo professor Hipólito Pujol, da Escola Politécnica de São Paulo, que permitiu a reprodução dos dados coletados por uma pesquisa feita pelos alunos da escola. Essas informações não só constam em tabelas no final do livro, como também foram apresentadas no decorrer da publicação.

⁷ Tradução livre feita pelos editores. A obra original digitalizada, pode ser acessada em: <https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/13072>



Reprodução de uma página da publicação, com ilustração do fruto da espécie de nome popular araribá-rosa, com informações sobre a espécie. Digitalizado e disponibilizado pela Biodiversity Heritage Library, do acervo The LuEsther T Mertz Library, the New York Botanical Garden. Disponível em:

<https://www.biodiversitylibrary.org/browse/collection/45>.

As demais informações fornecidas sobre as espécies nativas são referentes à classificação botânica, família, nome vulgar, distribuição (em que região do Estado se encontra), características particulares, descrição da madeira e sua densidade (quando há informação) e os usos e empregos das árvores. Como é informado no livro, as árvores poderiam ser usadas para obras civis e náuticas, nas estradas de ferro, na medicina, marcenaria, como lenha, entre outros usos.

O fato de a obra ter sido publicada em francês pode indicar a intenção de sua divulgação internacionalmente, como um meio de apresentar a flora florestal de São Paulo para o mundo.

Por mais que os autores tenham considerado que a obra não estava completa e perfeita e que esperavam que outras pessoas levassem a pesquisa adiante, os agrônomos fizeram uma excelente contribuição para o estudo e divulgação da flora florestal do Estado de São Paulo. Não somente pelas informações compartilhadas, mas pelo dedicado trabalho de ilustração de Vecchi.

Jequitibá-vermelho, o rei da floresta

A árvore Jequitibá-vermelho, também conhecida como jequitibá-rosa (nome científico *Cariniana legalis*) foi umas das descritas no livro por Navarro de Andrade e Vecchi. Além de uma ilustração, foi apresentada uma fotografia da espécie.

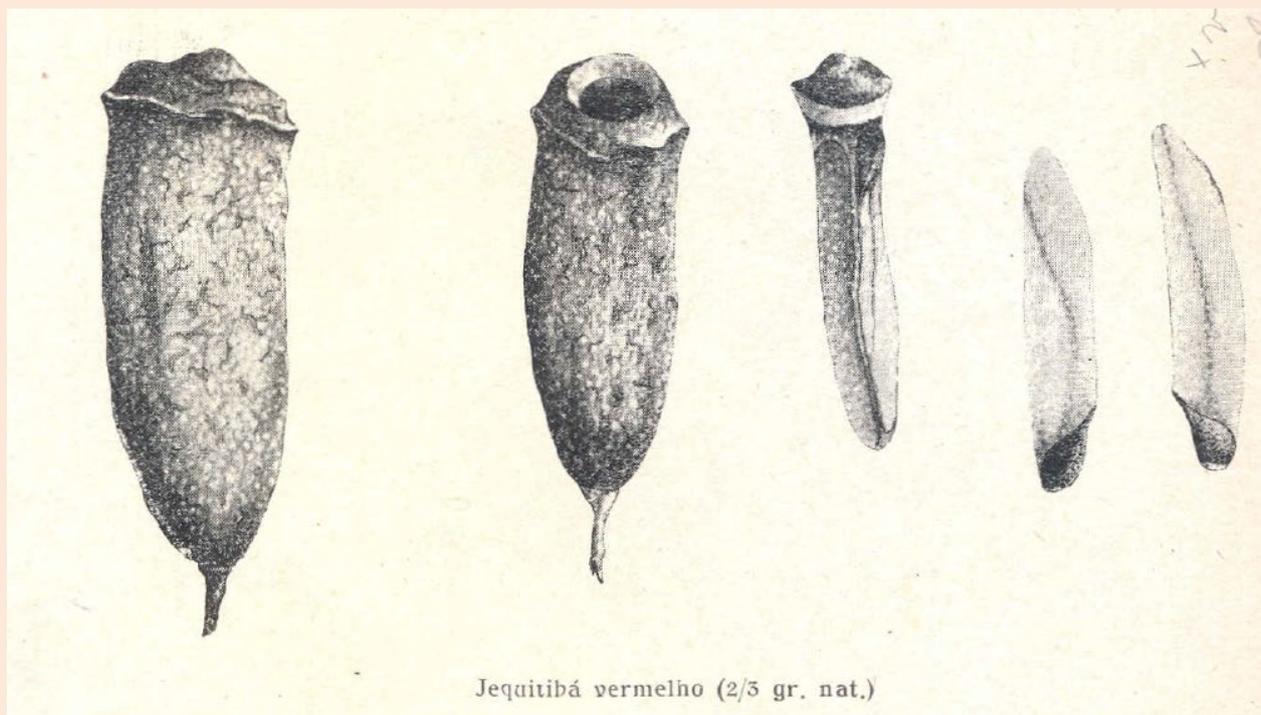


Ilustração botânica do fruto do jequitibá-a-vermelho elaborada por Octávio Vecchi e reproduzida na pág 204 do livro.

Ela podia ser encontrada nas florestas de São Paulo, especialmente no interior e nas terras de boa qualidade. Devido a sua altura e diâmetro (atingindo cerca de 40-45 metros e mais de 5 metros de diâmetro), foi descrita por muitos agrônomos como a mais majestosa das florestas brasileiras.

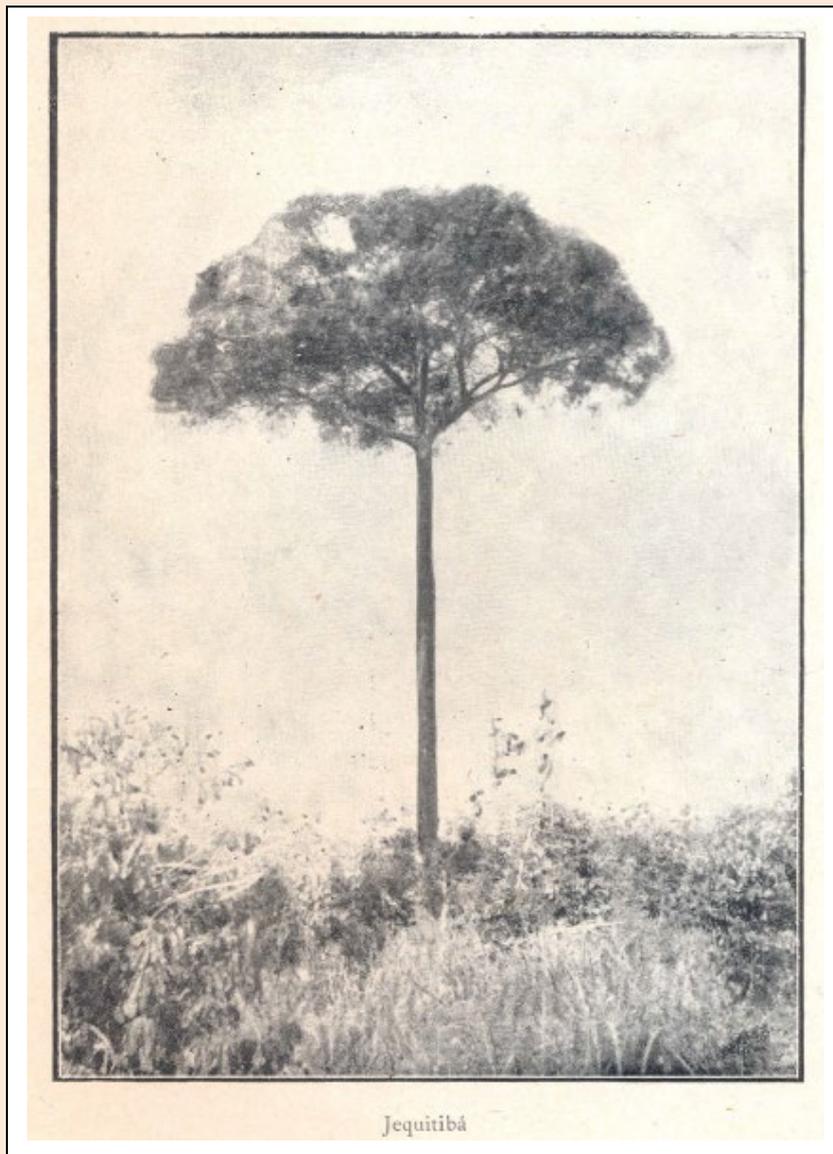


Foto de um exemplar do jequitibá-vermelho, reproduzida na pág. 205 da publicação.

A sua madeira é vermelha, homogênea, com fibras retas e densidade de 0,600. Pela abundância, qualidade e dimensão das peças que poderia formar, era muito usada nas construções civis, principalmente para construção de interiores e fabricação de canoas.

Não foi somente Vecchi e Andrade que estimavam essa espécie florestal. O jequitibá-rosa, maior árvore da Mata Atlântica, é considerado o símbolo de São Paulo e do Espírito Santo. Infelizmente, a espécie está ameaçada de extinção.

Tradução do Prefácio da Obra *Les Bois Indigènes de São Paulo: Contribution à l'Étude de la Flore Forestière de l'État de S. Paulo*.

Durante longos anos, nós nos dedicamos à tarefa de reunir pacientemente dados e elementos necessários para o estudo da flora florestal - muito rica, aliás - do Estado de São Paulo.

Embora nossa intenção sempre tenha sido de não publicar nosso trabalho até que estivesse suficientemente perfeito e completo, razões completamente fora de nosso controle nos obrigaram a editá-lo tal como está - apesar de sua insuficiência e suas numerosas lacunas - o que não impede que ele represente uma soma enorme de esforços, que somente serão capazes de avaliar o seu justo valor aqueles que estão acostumados a esse tipo de pesquisa.

Nós organizamos um herbário das nossas principais espécies florestais, herbário este que foi entregue - a fim de obter a classificação exata - às seções de botânica do Museu Nacional e do Jardim Botânico, do Rio de Janeiro, colocados respectivamente sob a direção muito competente de especialistas distintos que são os doutores A. J. Sampaio e Albert Löfgren - a estes senhores cuja colaboração nos foi muito preciosa, nós exprimimos aqui nosso forte reconhecimento.

Infelizmente, somente uma parte dos exemplares enviados puderam ser perfeitamente identificados até o presente, e é exclusivamente destas espécies florestais já identificadas que se ocupa esse livro. Uma grande parte do material coletado por nós ainda está sendo estudado pelo Museu Nacional e somente depois - à medida que forem identificados botanicamente - que essas espécies poderão aparecer na nossa obra. Assim, muitas árvores de grande valor não são descritas nesta primeira edição, pois preferimos, com muita razão, abordar somente as espécies as quais nós possuímos dados completos e que foram classificadas com exatidão pelos especialistas mais distintos do nosso país.

Esta maneira de proceder teve, evidentemente, o efeito de reduzir bastante nossa contribuição ao estudo da flora florestal do Estado de São Paulo, se comparando a se quiséssemos mencionar todas as espécies nativas, designando-as por seus nomes vulgares e simplesmente atribuindo-lhes classificações botânicas dadas pelos trabalhos publicados até agora e que, na realidade, são muito diferentes da verdade científica. Nossa contribuição é, assim, muito inferior, muito modesta mesmo, mas tem a vantagem de ser exata e completamente livre das fantasias tão comuns em obras do mesmo tipo.

Conseguimos colecionar flores e frutos de todas, ou quase todas, as espécies florestais do Estado de São Paulo; e essas flores e esses frutos foram muito cuidadosamente desenhados por um de nós [Octávio Vecchi].

Registramos imagens de um grande número de frutas, que reproduzimos aqui, mas os desenhos de flores em cor não apareceram nesta edição, porque só podíamos executá-los na Europa e fomos impedidos pela guerra.

Pela mesma razão, nós não pudemos receber os aparelhos de medição da resistência de nossa madeira, então tivemos que recorrer a gentileza do Senhor (doutor) H. Pujol, distinto professor da Escola Politécnica de São Paulo, que nos autorizou a reproduzir os dados de um excelente trabalho sobre esse assunto realizado pelos alunos dessa escola.

Até este momento, nós pudemos reunir os materiais necessários para a identificação de 223 espécies do Estado de São Paulo, materiais estes que nós enviamos ao Museu Nacional; então, esperamos poder publicar mais tarde um trabalho, senão perfeito, ao menos mais completo que este que nós apresentamos agora.

Em conclusão, <<à l'impossible nul n'est tenu>> [ao impossível ninguém aspira ou ninguém é obrigado ao impossível]; nós, na medida do possível, contribuímos ao estudo da flora florestal do Estado de São Paulo e desejamos que pessoas mais competentes em breve adicionem seu trabalho ao nosso; por fim, aos críticos da área, apenas pedimos uma coisa: que eles façam melhor e mais, para grande satisfação de todos os estudiosos.

OS ENTALHES BOTÂNICOS DO ACERVO DO MUSEU FLORESTAL

Por Natália Ferreira de Almeida

Uma das coleções que mais impressiona os visitantes do Museu Florestal é a coleção de pranchas entalhadas. Executados em suportes de madeira maciça, cada entalhe corresponde a representação, em relevo, de folhas, frutos ou flores da árvore de que é feito o suporte do entalhe.

Um acervo único. Uma das inquietações de quem trabalha, pesquisa e visita o Museu, é a originalidade desse tipo de obra. Em imagens do mostruário de Loreto, constante no álbum elaborado por Vecchi com fotografias realizadas entre a década de 1910 até 1927, ou seja, antes da ida de Vecchi para o Serviço Florestal, é possível ver a existência de uma coleção de pranchas com o formato similar das que pertencem atualmente ao Museu Florestal Octávio Vecchi.



Reprodução de foto do Álbum Flora Lenhosa do Estado de São Paulo, Octávio Vecchi, acervo particular de J.B. Baitello, 1913-1927. Fotografia de um dos ambientes internos das instalações do Horto de Loreto, no município de Araras. As pranchas encontram-se dispostas de maneira vertical no lado direito da foto, com leve inclinação em suporte junto à parede, conforme observável no lado direito da imagem. Na foto, Vecchi posa em sua mesa de trabalho na companhia de sua filha.

Oficina de entalhe do Serviço Florestal

Foi sob a gestão de José Camargo Cabral (1932 – 1945), sucessor imediato de Octávio Vecchi na Diretoria Geral, que foi introduzido o serviço de entalhe artístico no Serviço Florestal, com a admissão do primeiro entalhador oficial do Estado de São Paulo, Antonio Oppido, em 1937 e, em 1939, de um entalhador auxiliar, Antonio Alves.

No relatório elaborado pelo chefe da Seção Técnica do Museu Florestal de 1938 há um tópico que trata em especial do serviço de entalhe:

O entalhe de amostras científicas para o Museu é feito pelo entalhador contratado especialmente para isso. Embora o referido técnico trabalhe também para a oficina desta repartição, e somente parte de seu trabalho se destine ao Museu, pode-se classificá-lo nesta seção, pois todos os desenhos são discutidos e feitos sob a direção desta Chefia. Este serviço de entalhação reúne a arte ao ensino, pois são rigorosamente observadas as dimensões e a posição das folhas, flores e frutos, de modo tal que cada entalhe sirva como demonstração botânica da espécie.

O relatório informa ainda que no ano de 1938 foram entalhadas 11 amostras (pranchas), além de um balaústre para maquete de pedra da região do Horto Florestal e Serra da Cantareira (atualmente encontram-se no Prédio 1 do Parque Estadual Alberto Löfgren).



Antonio Oppido ao lado de três pranchas entalhadas, 1938. Imagem Acervo Museu Florestal Octávio Vecchi.

No processo de produção das pranchas, toda a base era preparada na marcenaria, que executava os cortes e a montagem no formato padronizado, com o detalhe do cabo torneado.

Tanto a escolha da madeira para a fabricação da prancha, como a coleta e encaminhamento da amostra botânica para o entalhe eram realizados pela Seção Técnica. As amostras botânicas, pedaços de galhos com folhas e frutos, sementes ou folhas e flores, eram encaminhadas para os entalhadores, que primeiro executavam um primoroso desenho de observação que, em seguida, seria esculpido no suporte de madeira. Nas pranchas, o desenho observava o tamanho natural da amostra; já em outros suportes, como pingentes, eram miniaturizados.

“Eu desenhava no papel. No papel, depois passava no papel carbono fazia desenho aqui. Depois “que tirava o papel carbono”... eu ia entalhando aos poucos.” Antonio Oppido em entrevista realizada em 1985 pelo telejornal SP Já, da Rede Globo de Televisão.



Reprodução de desenho feito em grafite sobre papel cartão, assinado e datado (12/12/1957) por Antonio Oppido e detalhe de prancha com entalhe de ramo florido de Magnólia-amarela. Acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi.

Alguns mistérios ainda persistem sobre essa coleção. Apesar do serviço de entalhe se iniciar em 1937, há no acervo do Museu Florestal exemplares de pranchas com entalhes datados de 1930.

A coleção de pranchas de madeira do Museu Florestal é formada por 218 peças, das quais 133 possuem entalhes botânicos e o restante, 85 peças, nenhum tipo de entalhe. Dentre as pranchas entalhadas, 31 tiveram os entalhes executados no ano de 1930; 100 foram elaboradas entre 1937 e 1958 e duas em 1970, conforme inscrições constantes nas próprias obras.



Detalhe do entalhe de ramo com frutos da árvore de nome popular jacarandá-bico-de-pato, realizado em 1937. Imagem: Acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi.

Além do fato de serem trabalhos executados artesanalmente, a irreprodutibilidade integral de cada peça também se deve a sua própria materialidade. O suporte em que cada prancha foi produzida, por ser de origem natural, guarda características únicas, como o desenho de cada amostra de madeira escolhida para ser o suporte da obra.

A produção das pranchas entalhadas realizada no âmbito do Serviço Florestal foi pensada especificamente para compor o acervo do Museu Florestal. Nasce, portanto, já como uma obra de museu, integrando um processo criativo que envolve a relação entre arte, ciência e educação.